

Decisão já

Villas-Bôas Corrêa

Véspera de decisão é sempre tensa, mas o dia seguinte costuma desaguar no remanso do alívio. Daí por diante a vida segue nos trilhos dos novos rumos traçados e vai esquecendo o passado, enterando o ontem nas urgências do hoje e nas esperanças do amanhã.

Por isso não se assustem com as turbulências inevitáveis do fim de semana, engrossando para a próxima, num crescendo de final de sinfonia até as notas últimas arrancadas da emoção da orquestra. Portanto, até as votações da Constituinte decidindo o sistema de governo e, na seqüência, a duração do mandato do presidente da República. Por fim, o tamanho do mandato do presidente José Sarney, que tanto poderá estar embutido nos cinco ou quatro anos da opção geral ou sobrar para a guerrilha nas Disposições Transitórias da Constituição.

Ora, mesmo incorrendo no risco de patinar no óbvio, não há como fugir da avaliação das alternativas. Como ponto de partida para outras especulações. Claro, a guinada pelo parlamentarismo, em qualquer das suas fórmulas de negociação, aliviaria de imediato a crise política. Como uma drenagem profunda e demorada, deixando escorrer toda a tensão acumulada. Equivaleria a um suspiro nacional, a um ufa de distensão, ao relaxar de nervos e músculos, num espreguiçamento de sossegar a alma, afinal liberta de sobressaltos, dissipados os presságios dos agourentos. Mesmo para os presidencialistas, a primeira reação seria de desafogo. Depois, engolidos os sustos, recomeçaria a ronda das ambições frustradas, a romaria dos fantasmas das candidaturas desencarnadas, no apego a ilusões decepadas.

A mudança do sistema de governo ainda se projeta, nas incertezas de uma decisão sem favoritismos, como a única grande novidade política de uma Constituinte que se instalou jurando compromissos de virar o país pelo avesso e foi resvalando para o ramerrão das acomodações, sem criatividade nem imaginação. Alguns surpreendentes avanços sociais não chegam a compor o retrato de uma Assembléia de mudanças, afinada com as ansiedades e cobranças da sociedade, coerente com a fantástica mobilização popular das diretas, capaz de resgatar esperanças desfeitas na crueldade dos equívocos do cruzado.

Não sobraria nada intacto. Seria um juntar de cacos, de soldar ambições, de refazer esquemas e roteiros de muitos destinos elaborados com minúcias. E com o molho das hesitações e dúvidas. De repente, presidencialistas empedernidos, de casca grossa, lançados no vórtice das angústias: quanto vale uma presidência no parlamentarismo? E como jogar para primeiro-ministro, pouso em instabilidade, podendo ser tragado na voragem da próxima crise parlamentar?

Não duvidem que o presidente eleito pelo voto direto sempre terá sua força, o seu prestígio, a sua influência. Ainda que envolto pelos condicionamentos do parlamentarismo. Os cálculos e cotações de Brizola, Lulã, Antonio Ermírio terão que ser repensados para o enquadramento na moldura da nova realidade.



Articulações, acertos, acordos, conversas recomendo do zero. E exigindo o aprendizado, a reciclagem, a adaptação a regras inteiramente diversas. O país desafiado a refazer a cuca. Quem não se ajustar, dança.

Mas, a confirmação do presidencialismo, numa possível fórmula mitigada, também espargirá tranquilidade. O que não se suporta mais, já ninguém agüenta, é a indefinição, a conversa sem fim, as infundáveis negações, o passo adiante seguido do recuo.

As montagens de campanha, em qualquer caso, terão que se ajustar à imposição dos dois turnos. Poucos parecem atentar para a reviravolta que não foi aprovada no voto mas que transita em julgado, coisa certa de pedra e cal. Pois uma das grandes dificuldades a contornar é que teremos duas eleições completamente diferentes enfiadas no mesmo saco. O bom candidato para uma pode ser péssimo para a outra. E vice-versa. E é isso que está desorientando a maioria conservadora, engasgada com candidaturas como a do dr Ulysses, imbatível na convenção do PMDB, com amplas possibilidades de classificação no primeiro turno mas flagrantemente inviável no segundo e decisivo turno.

A primeira rodada de urna será decidida em campanha curta e grossa, com um esbanjamento de candidatos. Não faltarão legendas para agasalhar ambições, para o teste das popularidades efêmeras mas que se acreditam definitivas. Ora, com 10, 12, 15, talvez 20 candidatos, o verdadeiro debate pelo rádio e pela televisão ficará impossível ou de uma chatice mortal, engravatado, solene, engessado nos acordos entre os representantes dos candidatos, todos com o rei na barriga e mais realistas que o soberano e patrão. Essa é a lição da experiência. Com gosto da lembrança amarga. Na eleição classificatória, a legenda terá o seu peso, desequilibrando a balança das candidaturas sem amparo de uma estrutura municipal, sem diretórios. Com sabor do avulso aventureiro, que se atira à conquista das ruas com a obsessão do iluminado, empapado de carisma, os olhos esgazeados do profeta. Na hora do voto, as máquinas afirmam sua força no interior e nas periferias urbanas.

A outra eleição, a pequeno intervalo, entre os dois classificados, no confronto direto, será a eleição da televisão e do rádio. É inútil classificar o estafermo, ilustre mas pesado como a pedra que balança e ameaça rolar sobre a favela do morro do Borel, esmagando barracos na desgraça de todas as chuvas. O intervalo de 45 dias entre o primeiro e o segundo turno será encurtado pelo prazo para a apuração dos votos e a classificação dos dois primeiros para a final. Não haverá tempo para a campanha tradicional dos comícios. Talvez meia dúzia e para serem irradiados e televisionados. Mas o quente, o grande momento, a hora da verdade, o instante da definição de fato acontecerá no programa que confrontar os dois candidatos, cara a cara, respondendo perguntas e debatendo entre si. Com tempo à vontade, sem limite.

As regras do amanhã serão decididas agora, até meados da próxima semana. E a eleição começará a ser decidida com o lançamento das candidaturas. Um mau candidato antecipa a derrota. Não há andor capaz de carregar o peso de um basbaque.